

2. IBIAPABA³ “COMO NASCEM AS MONTANHAS”



14 min – Brasil-CE – 2021 – classificação livre

FICHA TÉCNICA

direção e roteiro: George Alex Barbosa [Diretor, Roteirista e Animador dos Filmes de Animação 3D: IBIAPABA “Como Nascem as Montanhas”, As Aventuras de Chaga da Onça e O Voo Nupcial, Diretor e Roteirista do Filme O Assobiador.]

storyboard: Tiaggo Gomes e Paulo Alves

produção: Beth Magalhães

produção executiva: Raylane Neres

equipe:

Natal Portela

Ricardo H. dos Santos

Rodrigo Barbosa

José de Matos

Sinopse: O curumim Apuã completou 12 anos e agora tem sobre si a responsabilidade de salvar sua aldeia e mudar seu próprio destino. (Inspirado no Conto “A Lenda da Ibiapaba” de João Bosco Gaspar)

3. O topônimo “Ibiapaba” é oriundo do termo tupi yby’ababa, que significa “terra fendida” (yby, terra + ‘ab, cortar + aba, sufixo).

2.2. A TEMÁTICA EM FOCO

Varnhagen⁴ disse no século XIX sobre os índios: “povos na infância, não há história: há só etnografia”. E infelizmente a sugestão parece ter sido bem aceita pela educação formal brasileira, na qual os índios ainda tem participação inexpressiva. Aparecem, grosso modo, como atores coadjuvantes agindo sempre em função dos interesses alheios. Aliás, não agiam, apenas reagiam a estímulos externos sempre colocados pelos europeus.

A primeira reparação que precisamos fazer nesse discurso vigente é que os povos indígenas possuem história, cultura, interesses e são atores fundamentais na formação do povo e cultura brasileiros, e que durante muito tempo seu estudo foi desconsiderado pelos cientistas sociais, o que refletiu consideravelmente na abordagem da temática na escola.

É possível perceber que não existe um estudo sistematizado da História indígena na maior parte das propostas curriculares. O que comumente temos é uma abordagem superficial e generalizante das comunidades indígenas no contexto da colonização. Evidentemente, essa postura precisa ser atualizada. Se já é possível notar uma preocupação crescente das ciências sociais com a temática indígena, é o momento desse conhecimento acumulado chegar ao “chão da escola” com urgência, especialmente com a necessidade da adoção de uma abordagem multicultural. A questão indígena está intimamente relacionada à história do multiculturalismo desde sua origem, na década de 1960, nos EUA. Portanto, é impossível pensar a sala de aula multicultural sem incorporar, no caso do Brasil, a História indígena.

4. Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro (Vila de Sorocaba, 17 de fevereiro de 1816 — Viena, 26 de junho de 1878) foi um militar, diplomata e historiador brasileiro, um renovador da metodologia de pesquisa histórica e autor de vários estudos, onde se destaca a primeira grande obra de síntese sobre a história do Brasil: História Geral do Brasil, publicada em dois volumes entre 1854 e 1857, que apesar de ultrapassada em muitos aspectos permanece até hoje como um marco referencial incontornável. Sua contribuição seminal e monumental lhe valeu o apelido de “Heródoto brasileiro”. Também deixou relevante trabalho na historiografia e crítica da literatura. (Fonte: Wikipedia)

2.3. QUANDO OS “INCIVILIZADOS” ENSINAM

Uma das formas de mostrar a importância da cultura indígena é buscar e elencar suas contribuições e ensinamentos à cultura e saberes brasileiros. Vamos ver algumas contribuições que podem ser trabalhadas com seus alunos?

As principais plantas que fazem parte do cardápio da humanidade foram descobertas e domesticadas pelos ameríndios. São exemplos: a batata, a mandioca, o milho, a batata-doce, o tomate, o amendoim, o cacau, o abacaxi, o caju e o mamão.

Um sem número de espécies vegetais coletadas e usadas pelos indígenas foram exploradas pelos europeus, inclusive através de cultivo nas grandes plantações, como é o caso da borracha.

As palmeiras - como buriti, açaí, babaçu e pupunha -, por exemplo, também são largamente utilizadas. Extraem-se o fruto, o palmito, a castanha, a fibra e a madeira. A castanha-do-pará, os pinhões e o caju, são outros bons exemplos da herança deixada pelos indígenas. São vegetais que desempenharam e desempenham importante papel na alimentação, além disso, continuam a influenciar a alimentação regional e são amplamente comercializadas na atualidade.

A queimada, a COIVARA⁵ e a rotação de culturas foram as práticas mais desenvolvidas pelas comunidades indígenas agrícolas. A técnica da queimada perdura até hoje no Brasil, mas era utilizada pelos ameríndios em pequena escala. Considerando que a agricultura era itinerante, essa prática da queimada não produzia o desgaste do ambiente como na atualidade.

É importante citar também, o caso das plantas medicinais que são base de grande parte de remédios consumidos por todos. Injustamente, os povos indígenas quase nunca recebem o reconhecimento e o respeito da população mundial pelo acúmulo desses saberes transmitidos ao logo do processo de colonização. Alguns exemplos são esclarecedores:

5. Coivara: Restos ou pilha de ramagens não atingidas pela queimada, reunidas para serem novamente incineradas, a fim de limpar o terreno e adubá-lo com as cinzas para instalar a lavoura.

- A copaíba é utilizada para a produção de remédios cicatrizantes;
- A quinina foi, até a década de 1930, o único antimalárico disponível no mundo;
- A coca, a partir do isolamento da cocaína, permitiu a produção de anestésicos locais;
- O curare, utilizado como veneno nas flechas (mata por paralisia), é a base para a extração da d-Tubocararina, utilizada nas cirurgias cardíacas.

Poderíamos citar mais uma infinidade de contribuições, e apesar do espaço aqui ser curto, é necessário adicionar a essa lista a erva-mate, o guaraná, o tabaco, o algodão e a piaçava, dos quais produtos derivados tem destaque na indústria e no comércio internacional.

Também chamam a atenção nas práticas indígenas, o conhecimento etnozoológico, os métodos e estratégias de manejo que levam à preservação do meio ambiente. Dentre elas, fazem jus a destaque a organização em pequenas comunidades dispersas que tornam mínimo o impacto das atividades humanas; a presença de áreas de não-exploração como reservas naturais; a mobilidade constante das roças e aldeias, permitindo a recuperação do ambiente; etc.

Os indígenas pescavam o pirarucu com arpão e criavam tartarugas em currais, desenvolveram a tecnologia de navegação em canoas e pesqueiras. Também desenvolveram técnicas de caça como o “caçar na roça”, tática em que os animais eram atraídos para um local com alimentos, onde eram caçados. O conhecimento dos hábitos dos animais constitui uma reserva de conhecimento inestimável de nossa fauna.

Não é possível, neste texto, citar todas as contribuições dos ameríndios para a cultura brasileira. Mas temos ainda que falar nas palavras que incorporamos ao português, como jacaré, cuia e samambaia e tratar do artesanato, no qual se destacam a cerâmica, a cestaria, a tecelagem e a produção de adornos de corpo e também, no tema principal de nossa indicação de filme nos mitos e lendas, que fazem parte do imaginário, do folclore e literatura brasileiros.

Conhecer a cosmovisão das diferentes etnias, que consideram o universo em sua totalidade - onde o ser humano é parte integrante de uma complexa rede de relações que envolvem todos seres, integrando a vida como um todo - também é de fundamental importância para perceber que o processo civilizatório imposto pelo eurocentrismo, e que caracteriza a sociedade ocidental, não é uma verdade absoluta e está consumindo o planeta.

A presença das contribuições indígenas na sala de aula é indispensável para a construção de uma sociedade na qual a diversidade é valorizada e respeitada. Conhecer a riqueza cultural dos indígenas e suas contribuições para a construção da cultura brasileira é o primeiro passo para o repúdio à imagem do índio selvagem, perigoso e preguiçoso que a narrativa da colonização classificou.

A construção de uma nova relação da sociedade com os povos originários não vai diminuir a tragédia histórica do genocídio das populações indígenas, que são marca da colonização portuguesa no Brasil. Contudo, pode conduzir a efetiva inclusão, o reconhecimento verdadeiro, para além da lei, dos direitos desses povos.

Essa reflexão pode ser útil como subsídio para análise de circunstâncias atuais que ainda persistem em sugerir a superioridade cultural de uns sobre os outros, aos quais cabe a tarefa, a missão de civilizar os “inferiores”.

2.4. SUGESTÕES DE ATIVIDADES

a) Pesquise e atualize seus conceitos

Para realizar uma boa e eficiente atividade pedagógica é fundamental estar atualizado sobre o tema. Uma sugestão por onde começar, é que consulte o site do Grupo de Estudos em temáticas ambientais da UFMG e veja sobre “As 10 mentiras mais contadas sobre os indígenas”, o texto oferece esclarecimentos certos sobre vários preconceitos que ainda são disseminados como verdade por muitos grupos.

Dê uma conferida no link:

<https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/noticias/as-10-mentiras-mais-contadas-sobre-os-indigenas/>

b) Veja e discuta o filme

Ibiapaba “Como nascem as montanhas”, é o filme que trazemos aqui para discutir noções, figuras e imagens nas mitologias indígenas. A partir delas é possível trabalhar, além dos mecanismos da lógica do mito, a lógica do pensamento humano, ambos colocados em movimento para possibilitar, por exemplo, uma reflexão sobre oposições, tais como: a de natureza/cultura; vida/morte; adulto/criança; particular/geral; identidade/alteridade. Assim, a partir do mote da mitologia e cosmologia indígena, o filme incita a reflexão sobre temas que preocupam a todos nós, como a essência do que significa ser humano e estar no mundo. Use-o para discutir os temas aqui já sugeridos, comente, faça-os perceber o caminho percorrido até aqui, e fundamentalmente deixe o canal aberto. Elogie, estimule, cobre, questione, reflita junto. Como já dissemos, o filme é uma excelente fonte para estimular ideias e reflexões, assim como também fascinar e desafiar.

c) Mostre os índios na atualidade

Falar sobre o papel dos povos indígenas na História do Brasil é muito importante, porém, não deixe de trazer novos pontos de vista. Existem muitas pesquisas feitas na atualidade que trazem um contexto tão interessante como o do passado. Então, além de resgatar a história e trazer as práticas e valores culturais, trate também do uso de tecnologias (produção de vídeos e redes sociais, por exemplo) e a atuação política.

d) Valorize a diversidade dos povos indígenas.

A diversidade de povos indígenas pode ser apagada se utilizarmos a denominação trivial de “índios”, sem uma reflexão mais aprofundada. Para começar, a nomenclatura identifica os habitantes da terra com as Índias (sim, aquela na Ásia), que os primeiros navegadores acreditavam ter chegado no final do século XV. E também, a designação “índio” apagou nome, cultura, história e passado das populações pré-colombianas, constituindo uma imagem homogênea, monocultural.

Portanto, a imagem de um “índio” caracterizado por pinturas, vestimentas e aspectos físicos generalizantes, podem até trazer um sentimento positivo das crianças em relação aos indígenas, mas não refletem a realidade e exclui várias etnias, que por diferentes aspectos não condizem com este padrão visual.

Não generalize. Demonstre a diversidade de povos indígena e suas peculiaridades. Apresente também indígenas reconfigurados, sem pinturas, com barba e bigode, usando roupas, computadores, celulares, sendo universitário etc. Dê exemplos autênticos e explique qual a etnia, onde está localizada e aspectos de sua cultura.

e) Incentive seus alunos a pesquisar.

Se seus alunos/escola tiverem acesso à internet, faça-os pesquisar sobre o tema. Dois bons exemplos que pode utilizar com eles são o site Povos Indígenas do Brasil – PIB Mirim (acesse em: <https://mirim.org/>) e O Portal Índio Educa (acesse em: <https://www.indioeduca.org/>). Neles estão disponíveis jogos on-line, fotografias e vídeos sobre o tema, muitos deles produzidos por índios. Além disso, há também vários textos para auxiliar você professor(a) a trabalhar a temática indígena em sala de aula.

f) Fale de política

Estamos em um momento difícil em relação aos direitos indígenas, que não dá para deixar para lá e falar só sobre o lado “bacana” do tema. Portanto, fale de participação, fale de mobilização, fale de luta e da mobilização nacional Indígena e explique as principais reivindicações dos povos indígenas.

Consulte o site: <https://mobilizacao nacionalindigena.wordpress.com/> e se atualize sobre as ações do movimento indígena.

g) Torne a temática indígena interdisciplinar e contínua.

Como já disse Jorge Benjor, antigamente “todo dia era dia de índio”. Não deixe que seja só o 19 de abril.

A Lei 11.645/08, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, deixa claro a importância de levar à sala de aula as contribuições da cultura indígena nas áreas social, econômica e política. Relacione o tema com os conteúdos de Português (existem várias palavras em nosso vocabulário de origem indígena), Geografia (noção de território), História (contato, escravidão, cultura e lutas) e Ciências (conhecimento indígena da biodiversidade brasileira). Leve estas questões para a sala de aula ao longo do ano todo.

Para saber um pouco mais sobre a mitologia indígena, sugerimos uma visita ao site:

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-sao-os-principais-deuses-da-mitologia-indigena-brasileira/>